

União liberal: em 89, pensando em 90

A. C. SCARTEZINI

A divisão do PFL entre duas correntes não passa de um erro ingênuo e grosseiro em matéria de estratégia política, na opinião do ex-presidente Jânio Quadros. "Vocês estão brigando por um governo que está no fim, quando deveriam se unir para brigar pelo próximo governo", repetiu Jânio diversas vezes a líderes do PFL no correr da semana passada, a respeito da divisão entre grupos a favor ou contra o presidente Sarney.

Em outro contato, Jânio confirmou ontem a pefelistas que a formalização da candidatura de Aureliano Chaves a presidente pelo partido assegura o processo eleitoral. Explicou que a autoridade moral de Aureliano pode bloquear qualquer ameaça à realização da eleição de novembro e sua candidatura pode ser viabilizada eleitoralmente, se contar com o partido unido ao seu redor.

A mesma coisa o ex-presidente declarou, há quase uma semana, aos senadores pefelistas Marcondes Gadelha (PB) e Hugo Napoleão (PI), ao recebê-los para almoço em sua residência em São Paulo. Recomendou Jânio que os senadores dissessem "claramente" aos líderes da dissidência o que eles têm a ganhar, unindo-se em torno de Aureliano e deu um exemplo:

"Digam claramente ao Chiarelli que ele será o candidato a governador do Rio Grande do Sul no ano que vem. Se não o for, o será o Marchezan, com o PDS".

Deslumbrados, Napoleão e Gadelha perguntaram então a Jânio se ele não receberia o senador Carlos Chiarelli na próxima semana para um almoço, quando poderia pessoalmente falar-lhe das vantagens que teria com a união do partido em seu Estado, onde a divisão pefelista abre espaço para a candi-

datura do ex-deputado Nélson Marchezan ao governo.

Jânio aceitou a idéia e estimulou a extensão do convite ao almoço a outros líderes da dissidência. Dai surgiu a idéia de colocar-se na mesa, ao lado de Jânio e Chiarelli, também os senadores Marco Maciel (PE) e Jorge Bornhausen (SC), para que o ex-presidente possa exercer sua dialética diante de um quadro mais amplo; e estimular a candidatura Aureliano, de cuja viabilidade até o candidato desconfia publicamente.

O MELHOR

Numa conversa reservada no abado, Jânio chegou a chamar a atenção de Aureliano para o fato de que não pode duvidar em público de suas chances eleitorais, inclusive porque isso alimenta a dissidência. "Aureliano é o melhor candidato", declarou Jânio, no sábado, diante de um pequeno auditório pefelista, para em seguida corrigir-se:

"Melhor, não. Melhor seria comparação. Ele é o único entre os candidatos".

Em defesa de sua tese, Jânio desfilou diante do auditório sua opinião sobre alguns presidenciais. Disse que Fernando Collor (PRN) vai bem nas pesquisas de opinião porque conseguiu introduzir na campanha a figura da perseguição aos marajás do serviço público, mas que comete o erro de fazer uma campanha baseada no ódio — "ódio ao governo Sarney".

Sobre Leonel Brizola (PDT) não se manifestou. Quando ia falar do senador Mário Covas (PSDB), uma das pessoas interrompeu para chamar a atenção para uma defesa do senador Fernando Henrique Cardoso (SP), do mesmo partido, a favor do parlamentarismo. "Ele está ficando ligente", referiu-se

Jânio a Fernando Henrique, a quem bateu na eleição para a prefeitura de São Paulo em 85.

A respeito do deputado Ulysses Guimarães (PMDB), Jânio disse que ele, como candidato, não vai conseguir dissociar sua imagem do governo Sarney e que o seu esforço pela dissociação vai empurrá-lo para baixo. A respeito do deputado Luiz Inácio Lula da Silva (PT), disse apenas que não gosta sequer do trocadilho, pobre, com a palavra "pulula". Os outros candidatos não receberam comentários.

MORTE

Em seus contatos com o PFL, Jânio coloca-se à disposição para gravar mensagens para a televisão e rádio a favor de Aureliano na campanha eleitoral gratuita, mas se recusa ele próprio a admitir a possibilidade de ser candidato. Avisa que não pode ser candidato porque está quase cego de um olho, tem dificuldade de locomoção e está preocupado com a saúde de sua mulher, Eloá.

Em detalhes Jânio explica a situação da sua mulher — "a pobre Eloá". Informa que ela está com o câncer do seio estendido agora ao resto do corpo — "chegou à metástase". Adverte que sua mulher deve morrer exatamente durante o auge da campanha eleitoral e a eleição propriamente — "o prazo vai até dezembro". Emociona-se muito quando fala de sua mulher, que nunca está na sala nesses momentos.

Amigos de Jânio acham, no entanto, que ele está muito satisfeito com a sua posição pessoal na eleição presidencial. Não e candidato, mas adotou um partido importante (o PFL) e tenta conduzi-lo como o seu conselheiro maior.